

FACULDADE DE SANTANA DE PARNAIBA

JESSICA MORAES VIEIRA

A CONTAÇÃO DE HISTORIAS COLABORANDO NA FORMAÇÃO DE NOVOS
LEITORES

SANTANA DE PARNAIBA,2021

JESSICA MORAES VIEIRA

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COLABORANDO NA FORMAÇÃO DE NOVOS
LEITORES

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Santana de Parnaíba – FASP, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Professor Dr. Edmundo Souza .

SANTANA DE PARNAÍBA, 2021

FACULDADE DE SANTANA DE PARNAIBA

Termo de Aprovação

O presente trabalho de conclusão, intitula A contação de historias colaborando na formação de novos leitores, do **elaborado pela aluna Jessica Moraes Vieira** , como requisito parcial para obtenção do título de Graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia à Banca Examinadora composta pelos membros abaixo assinados e, sendo julgado adequado para o cumprimento do requisito legal previsto no Regulamento do TCC/MONOGRAFIA da Faculdade de Santana de Parnaíba foi aprovado obtendo a nota _____ (_____).

São Paulo SP, ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr Edmundo Souza

Prof. Saulo Medeiros

Prof. Waleska Freitas

RESUMO

A contação de histórias além de despertar o gosto pela leitura e colaborar para a formação do futuro leitor, também pode melhorar o vocabulário entre outros benefícios para os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental 1. Numa fase em que o lúdico é importante para o desenvolvimento intelectual, psicológico, afetivo e social, ler para as crianças pode trazer esses benefícios todos. Para o professor de alfabetização e letramento, é um ótimo recurso didático a contação de histórias, pois os alunos tendem a gostar de experiências fantásticas que despertem a imaginação. Por essas razões o objetivo geral é compreender a importância pedagógica do ato lúdico de contar histórias infantis. A revisão desse trabalho de literatura ficou por conta de expoentes, como Lajolo (1983), Freire (2000), Zilberman (1990) e Rego (1990). Esses autores mostram que a contação de histórias não é efêmera, ela traz um rico repertório didático, amplia o vocabulário, ativa a atenção e ajuda a desenvolver a criatividade. Compreender o código linguístico vai ajudar o aluno a ter autonomia e escolher suas próprias leituras, por isso é relevante letrá-lo.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Contação de História; Ensino; Aprendizagem.

ABSTRACT

Storytelling in addition to awakening the taste for reading and collaborating for the formation of the future reader, can also improve vocabulary among other benefits for students in the early years of Elementary School 1. At a stage where play is important for development intellectual, psychological, affective and social, reading to children can bring these benefits all. For the teacher of literacy and literacy, it is a great didactic resource to storytelling, as students tend to like fantastic experiences that spark the imagination. For these reasons the general objective is to understand the pedagogical importance of the playful act of telling children stories. The review of this literature work was carried out by exponents such as Lajolo (1983), Freire (2000), Zilberman (1990) and Rego (1990). These authors show that storytelling is not ephemeral, it brings a rich didactic repertoire, expands the vocabulary, activates attention and helps to develop creativity. Understanding the language code will help the student to have autonomy and choose their own readings, so it is relevant to read it.

Key-words: Children's literature; History Account; Teaching; Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	9
O LÚDICO NA FORMAÇÃO DE LEITORES INFANTIS	9
CAPÍTULO II	16
AS ATIVIDADES LÚDICAS NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	16
CAPÍTULO III	23
PREFERÊNCIAS LITERÁRIAS INFANTIS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

INTRODUÇÃO

O lúdico para a criança oportuniza situações motivacionais em que ela pode ser sociável, desenvolve o intelecto, inspira o companheirismo e o esforço coletivo, estimula a criatividade de maneira que esse conjunto pode resgatar energias e criar boas ideias. A faixa etária é um aspecto essencial nas reflexões que devem envolver as práticas pedagógicas destinadas ao Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Para Rego (1990), é relevante que o aluno participe de atividades com proposta didática lúdica, pois a atitude de brincar remete aquilo que o aluno já conhece e vivencia. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a relevância da contação de histórias para desenvolver as habilidades leitora na educação básica em especial nos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental.

A leitura pode ser vista como uma brincadeira, já que envolve o mundo ilusório e as histórias têm o poder de remeter o imaginário, a construir situações realizáveis e vivenciá-las dentro de sua criação. A criatividade está relacionada ao processo de construção do conhecimento. De acordo com Zilberman (1990) e Freire (2000), para os professores, é absolutamente necessário dar oportunidades aos pequenos aprendizes de vivenciar a brincadeira na escola através da contação de histórias.

Segundo Lajolo (1983) e Zilberman (1990), o domínio conceitual do lúdico dentro de um padrão simbólico, demonstra, por exemplo, que quando a criança ouve um enredo dentro de um padrão estimulante para sua idade, ela sabe as funções das personagens e os relacionam com sua vida real, assim consegue reproduzir ações já incorporadas em breves histórias por ela interpretada com ingenuidade e fluidez de movimentos em que a mesma se encontra dentro dessa situação criadora, conseguindo explorar intuitivamente seus sentimentos.

Por essa via lúdica, nota-se que poderá haver envolvimento por parte das crianças de maneira informal e despretensiosa durante o ato de ouvir a

narração tanto dentro como fora da escola. Assim explora-se a motricidade infantil, a verbalização, as sensações vivenciadas, expressão artística, a descoberta do novo, a reflexão sobre o tema.

Segundo Rego (1990), uma boa forma de aproximar professor e aluno, é utilizando a ludicidade, a fim de que torne as aulas mais atraentes e produtivas para ambos, por isso a escolha da narrativa deve receber todo cuidado do professor que também pode pedir aos alunos opções de leituras, caso note interesse ou conhecimento de algum aluno. Estudos apontam que é um campo riquíssimo a ser sondado, já que o imaginário povoa a mente infantil, as histórias a serem contadas são diversas e podem ser inquietante aos olhos dos pequenos alunos.

A pesquisa será desenvolvida em três capítulos, no primeiro capítulo faremos uma abordagem sobre o lúdico na formação de leitores infantis. É importante ressaltar que a leitura de livros infantis é um ótimo recurso pedagógico para que os alunos. Desde bem pequenos os alunos devem ter contato com o lúdico, interagindo com a fantasia e a imaginação, porém, a leitura não deve ser imposta, faz-se necessário deixar o aluno livre para que possa despertar seus interesses e assim ser motivados pela leitura.

No segundo capítulo faremos uma análise sobre as atividades lúdicas no processo de contação de histórias. Entende-se por atividades aquelas em que as crianças desenvolvem de forma prazerosa, de tal forma que possa ser inferida habilidades necessárias para desenvolver a prática da leitura.

Quando a criança ouve histórias, poemas, lendas, entre outros, ela está articulando sua inteligência, criatividade e expressão. Ela consegue enxergar lugares e pessoas nunca vistas, tem o poder de se exaltar perante uma aventura, pode se soltar e se identificar com o enredo, ou ainda, encontrar amigos secretos imaginários.

No terceiro capítulo iremos falar sobre a contação de histórias sem o caráter impositivo. A escolha de um livro para se contar para uma criança, é um fato importantíssimo, pois sendo apreciado ou não, poderá depender das escolhas feitas pelos adultos. Ao se pensar em predileções, há de se levar em consideração a idade do aluno, sendo que o mercado editorial tem uma enorme quantidade de títulos disponíveis para serem escolhidos e é preciso ter discernimento para saber separá-los.

CAPÍTULO 1

O LÚDICO NA FORMAÇÃO DE LEITORES INFANTIS

A leitura de livros infantis é um ótimo recurso pedagógico para que os alunos desde bem pequenos passem a ter contato com o lúdico, entregando com a fantasia e a imaginação, porém, a leitura não deve ser imposta, faz se necessário deixar o aluno livre para que possa despertar seus interesses e assim ser motivados pela leitura. Neste capítulo iremos fazer uma abordagem analítica sobre a relevância da ludicidade para a formação de crianças leitoras desde a educação infantil.

Mesmo sabendo que há um índice elevado de analfabetismo Brasil pelos parâmetros apontados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), há também um grande número de alunos que aprendem a ler e escrever e, no entanto, não gostam da leitura em si, sentem preguiça por não serem motivados muitas vezes. Para Paulo Freire (2000), gostar e sentir o prazer em ler, é algo mais profundo e precisa ser bem direcionado para se ter bons resultados.

A leitura e o lúdico são importantes ferramentas para liberar a inteligência infantil, certos de que sua vivência de mundo faz parte de seu histórico de vida, portanto há de ser respeitado tal conhecimento. Ler, escrever, ouvir e falar são objetivos fundamentais à proposta e prática pedagógicas.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO, 1983, p. 7)

No intuito de desenvolver, desde a mais tenra idade, o hábito e o prazer de ler, a escola deve oferecer oportunidades de leituras variadas, leitura não apenas de textos escritos, mas a própria leitura e interpretação do mundo em que a criança está inserida. Uma história com bom enredo e bem contada, faz

a criança se transportar, usando o que ela tem de melhor: o imaginário e a fantasia.

É desta coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário que emerge a relação entre a obra e o leitor. Pois, quanto mais este demanda uma consciência do real e um posicionamento perante o mesmo, tanto é o subsídio que o livro de ficção tem a lhe oferecer. (ZILBERMAN, 1990, p. 23)

Uma das razões preponderantes da escola é facultar aos alunos o conhecimento da escrita e da leitura. As duas formas devem receber as mesmas reverências, pois um e outro são imprescindíveis ao aprendizado dos alunos.

Portanto, não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente: se essa ao seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto. (ZILBERMAN, 1990, p. 25)

A formação de leitores é um ato cidadão, já que a partir dele há uma valorização cada vez maior e mais aceita no meio social. Quando se fala em leitores, são aqueles que realmente conseguem ir além das letras, dos símbolos gráficos, que verdadeiramente entendem o sentido de um texto.

A literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 1983, p. 106)

Há de se ter uma junção entre a linguagem literária e a fase inicial da aprendizagem que pode ser produzida em sala de aula. Um professor que tem tal visão e realmente está preocupado em desenvolver um aluno mais sensível, que está apto a sonhar, tem uma postura literária perante sua turma. O professor pode ser o mediador dessas novas leituras, já que muitas crianças ainda não dominam os códigos gráficos e ao fazê-lo, o professor pode passar essa paixão aos seus alunos.

O mediador é um contador de histórias em sala de aula, no pátio da escola, no parque, na biblioteca, em algum lugar do estabelecimento de ensino, basta ter a boa vontade de querer cativá-los. Ser um entusiasta da leitura faz toda a diferença para as crianças em formação.

Ao terminar a leitura, o professor pode conversar com seus alunos, levantando hipóteses, fazendo possíveis colocações, ajudando-os a se colocar no lugar das personagens, fazendo breves encenações, dar um outro final, entre outras atividades cabíveis que os leve a refletir o texto. Rego (1990, p. 54), diz que “É muito importante que surjam perguntas e comentários por parte das crianças, para que a história não se transforme num ritual didático alheio aos verdadeiros interesses delas”.

Segundo Lajolo (1983) e Zilberman (1990), o domínio conceitual do lúdico dentro de um padrão simbólico, demonstra, por exemplo, que quando a criança ouve um enredo dentro de um padrão estimulante para sua idade, ela sabe as funções das personagens e os relacionam com sua vida real, assim consegue reproduzir ações já incorporadas em breves histórias por ela interpretada com ingenuidade e fluidez de movimentos em que a mesma se encontra dentro dessa situação criadora, conseguindo explorar intuitivamente seus sentimentos.

Por essa veia lúdica, nota-se que poderá haver envolvimento por parte das crianças de maneira informal e despretensiosa durante o ato de ouvir a narração tanto dentro como fora da escola. Assim explora-se a motricidade infantil, a verbalização, as sensações vivenciadas, expressão artística, a descoberta do novo, a reflexão sobre o tema.

É através da literatura se manifesta todo o potencial criativo de que se pode ser portador o falante de uma língua. Na literatura as palavras funcionam como matéria-prima da criação artística nos seus mais diferentes gêneros. Quando escrevemos dispomos de maior tempo para refletir sobre a forma da mensagem que queremos transmitir. Poderíamos mesmo dizer que a escrita é um produto linguístico mais depurado. (REGO, 1990, p. 10)

Segundo Rego (1990), uma boa forma de aproximar professor e aluno, é utilizando a ludicidade, a fim de que torne as aulas mais atraentes e produtivas para ambos, por isso a escolha da narrativa deve receber todo cuidado do professor que também pode pedir aos alunos opções de leituras, caso note interesse ou conhecimento de algum aluno.

É muito importante que esse tipo de atividade se transforme em rotina na sala de aula. A leitura diária para as crianças não significa necessariamente um livro diferente para cada dia. As crianças dessa faixa etária costumam ter livros preferidos, cujas leituras pedem frequentemente que sejam repetidas. (REGO, 1990, p. 56)

Certamente a linguagem se torna muito mais significativa e expressiva quando a oralidade assume uma proporção generosa, pois há um respeito pela voz do aluno e sua opinião, suas sensações e impressões que o texto literário deixou. A reprodução oral de histórias tem seu valor garantido e também deve ser explorado. Fica claro que o campo é vasto para ser explorado, brincar com a imaginação faz muito bem para adultos e crianças de qualquer idade.

Zilberman (1990), diz que as crianças têm exigências e essencialidade diferentes de um adulto, isso justifica um livro que seja voltado para a idade da criança, para seu universo que explore o imaginário que contribua para sua formação saudável.

Não é atribuição do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente, se está a seu alcance a concretização e expansão da alfabetização, isto é, o domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura, é ainda tarefa sua o emergir do deciframento e compreensão do texto, pelo estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio a trama ficcional. (ZILBERMAN, 1990, p. 29)

Para a autora Zilberman (1990), cada aluno ao ler um mesmo livro pode ter uma visão diferente sobre o mesmo tema devido sua experiência e conhecimento de mundo, é preciso dar valor e respeitar esse momento tão particular de cada criança, pois faz parte de suas descobertas mais íntimas.

De acordo com Rego (1990), para a criança o meio familiar é o espelho em que ela se vê e tudo copia, é a sua referência de mundo, por isso a função equilibrada dos pais é totalmente essencial, já que eles serão copiados o tempo todo pelos filhos. Essa imitação se dará também na Literatura Infantil ao encenar breves trechos que as encantem, os professores também serão imitados e se eles forem bons leitores, certamente isso terá bons resultados.

O desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humanas é mediado socialmente pelos signos e pelo outro. Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios processos mentais. (REGO, 1990, p. 62)

Educar a sensibilidade é um dos pontos mais representativos de Lajolo (1983) e a contação de histórias é benéfica para que se desenvolva a possibilidade de ser uma pessoa mais humanitária e compreensível.

A literatura é porta de entrada para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na

última fala da representação, nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. (LAJOLO, 1983, p.44)

Por outro lado Freire (2000), acredita na sutileza da atração que a contação de história provoca na criança e acredita que o professor pode aproveitar dessa simplicidade pueril, para trazê-la para perto dos livros. O lúdico é centro de todos esses aspectos que seduzem os alunos, pois eles têm o poder de misturar realidade e ficção, vivenciando a historinha.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. (FREIRE, 1997, p.20)

Estimular a criança a imaginar é um passo importante para trabalhar dentro de uma ótica lúdica, pode-se aprender brincando, aproveitando divertidamente o espaço escolar, crianças convivendo em harmonia, pois sentem seguras na escola. Seguramente a contação de história tem essa facilidade de unir os dois mundos: verdadeiro e imaginário.

O professor ao ler para criança, ele passa a ser um elo que liga os dois mundos: o mundo do livro e o mundo visto pela criança. O aluno vai assimilando todas as informações da narrativa, transformando e vivenciando os fatos conforme sua imaginação delimitar. O livro vai abrindo espaço para conhecimentos diversos em geografia, sociologia, história, artes, enfim o conhecimento que o ouvinte vai adquirindo e somado com o que já tem, torna-se um instrumento riquíssimo.

A ampliação de suas capacidades de comunicação oral ocorre gradativamente, por meio de um processo de idas e vindas que envolvem tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de escuta, canto de músicas e brincadeiras, como a participação em situações mais formais de uso as linguagens, como aquelas que envolvem a leitura de textos diversos. (BRASIL, 1998, p. 127)

Tudo isso vem facilitar a expressão, comunicação, informação e a capacidade cognitiva da criança vai aumentando gradativamente diante desses

estímulos. “A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos, assim como as preferências, o gosto pela leitura, a escolha de valores é adquirida através da literatura. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças”. (GÓES, 1991, pg.22)

Existem crianças que chegam à escola sem ter o mínimo contato com a literatura infantil, mesmo que de forma oral, pois os adultos com quem convive não são adeptos da Contação de histórias pueris. Infelizmente, isso acontece com muita frequência e fica somente a escola como responsável em apresentar-lhes o livro. A leitura tem a capacidade de abertura de mundos, tanto os imaginários quanto os reais. Meireles (1984, p.48), que enfoca que:

A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de história, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes.

Motivar uma criança para a descoberta, é fazer dessa leitura um espaço onde pode oportunizar um momento de conhecimento, emocionante, de muito prazer. Assim o contador de histórias ensina a criança a inventar e criar situações novas, a dar vazão a seus impulsos que estão contidos, vai conquistando aos poucos sua linguagem e seu vocabulário, vai entrelaçando enredos e circunstâncias. Por todos esses motivos, é fundamental saber selecionar o que ler para uma criança, não ler sem análise crítica, mas fazer da escolha um momento especial motivador.

Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto, para poder comunicar-se com a infância, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. “Saber-se, também, se os adultos sempre têm razão, se, às vezes, não estão servindo a preconceitos, mais que à moral; se não há uma rotina, até na Pedagogia; se a criança não é mais arguta, e sobretudo mais poética do que geralmente se imagina” [...] (MEIRELES, 1984, p. 30).

A escola precisa cumprir bem seu papel de encantadora de novos leitores, é uma responsabilidade enorme. Encara-se como um momento lúdico para a criança, conquistar um ouvinte infantil, é um privilégio para um professor, pois é emocionante quando se percebe um aluno comovido por um enredo bem contado. Há de se ter cuidado com os apontamentos de títulos, para não correr risco do desentusiasmo.

Mas a crise do livro infantil não é uma crise de carência. Ao contrário, é de abundância. De tudo temos, e, no entanto, a criança cada vez parece menos interessada pela leitura. O cinema, o rádio, o noticiário rápido das revistas, tudo atrás ao corrente das últimas atualidades:

mas em tom anedótico, sem lhe solicitar profunda reflexão nem lhe inspirar grande respeito. (MEIRELES, 1984, p. 152)

Percebe-se que a influência da leitura sobre as crianças é muito grande, porém é preciso saber conduzi-las de modo a fasciná-las por história que as leve a descobrir o encantamento dos livros, por isso as aulas dos professores precisam ser bem pensadas para atrair esse público infantil e torná-los cativos pela contação de histórias. Nas aulas, no ambiente escolar, são momentos valiosos a serem reconhecidos e vividos. A criança quando gosta da escola, ela quer voltar, sente-se feliz por estar nela e um incentivo bem peculiar à criança, certamente, é ler-lhe um livro.

CAPÍTULO II

AS ATIVIDADES LÚDICAS NO PROCESSO DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Neste capítulo faremos uma análise sobre as atividades lúdicas no processo de contação de histórias. Entende-se por atividades aquelas em que as crianças desenvolvem de forma prazerosa, de tal forma que possa ser inferida habilidades necessárias para desenvolver a prática da leitura. Esse estudo tenta aproximar o ato de ler histórias ao gosto de ouvi-las.

Para ter um desempenho satisfatório na contação de histórias há de se encantar pelo texto, o professor só se vai transmitir essa desenvoltura quando tiver pleno domínio de suas escolhas. Os ouvintes são crianças do Ensino Fundamental anos iniciais e finais, se eles tiveram uma boa base na Educação Infantil, terão maiores chances de aprimorarem o gosto em ouvir histórias, pois o imaginário delas possivelmente foi bem explorado. (ZILBERMAN, 1990)

Acredita-se que quando o professor gostar de ler histórias para seus alunos, ele passa tal encantamento para as crianças. No decorrer dos estudos, pode-se perceber que a palavra tem um poder magnífico, ela pode ser fantástica ou realista, criar e inventar mundos exclusivamente para um determinado enredo, elevar a personagem a categorias oníricas ou representantes de si próprias. “A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente” (ZILBERMAN, 1990, p. 22)

Quando a criança ouve histórias, poemas, lendas, entre outros, ela está articulando sua inteligência, criatividade e expressão. Ela consegue enxergar lugares e pessoas nunca vistas, tem o poder de se exaltar perante uma aventura, pode se soltar e se identificar com o enredo, ou ainda, encontrar amigos secretos imaginários.

Possivelmente, cada criança pode dar a direção de seu pensamento, o professor deve ter a sensibilidade e percepção de entendê-las e ajudá-las a revelar sonhos possíveis, já que sonhar não tem limites. “Imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão”. (POSTIC, 1993, p. 19)

Ao se envolver com a fantasia de cada aluno, a atividade literária abraça a ludicidade e ambas podem construir grandes leitores. Uma boa chance de se diminuir a chance de termos poucos leitores adultos, é fazer um trabalho de

base bem elaborado na infância. Ao entrar no mundo da escrita e da leitura pelo poder de sedução que a envolve, a criança pode querer aprender logo a ler, para que ela mesma possa fazê-lo sem depender de um adulto. Nesse momento, a alfabetização e letramento apontam-se como o caminho a ser alicerçado.

A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção”. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos. (TAHAN, 1966, p.16)

O Brasil ainda tem uma generosa quantia de iletrados na infância e um grande número já adultos de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) ainda analfabetos. Sair desse embaraçoso dado, é um dever governamental. Paulo Freire (2000, p. 19).

Nesse sentindo, fica claro que é preciso que a escola valorize e respeite tudo que a criança traz, suas vivências e conhecimento de mundo. A criança quando percebe que seus valores são invioláveis, ela sente confiança e sua autoestima aflora. Se quiser bons leitores, é imprescindível que a alfabetização e letramento sejam plenos.

A história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam ao patrimônio moral de nossa vida. Ao depararmos com situações idênticas, somos levados a agir de acordo com a experiência que, conscientemente, já vivemos na história. (TAHAN, 1966, p.22)

Tirar o direito de uma criança sonhar, é mutilá-la. Pelos livros há um mundo onírico, as letras podem garantir esse sonho, essa ficção. Na fase de alfabetização, a literatura é fundamental para esse envolvimento criador, ela vai poder aliar dois fatores cruciais na aprendizagem: inventividade e realidade.

Pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas. (BUSATTO, 2007, p.58)

Quanto mais um adulto lê para uma criança melhor será para sua formação educacional, podendo ser seus pais ou professores. O imaginário da criança é importante, porque a partir dele é que ela vai estabelecer os limites

reais do mundo ao seu redor. A criança vai moldando sua personalidade quando estabelece comparações e os livros podem proporcionar essa dupla intenção.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1995, p.17)

Inúmeras são as obrigações do professor na execução de seu planejamento escolar, dentre tantas atividades é primordial que ele leia para seus alunos, mas deve fazê-lo com entusiasmo, pensando no crescimento deles. “Os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores” (LAJOLO, 1983, p. 108). A criança em fase de alfabetização e letramento costumam sentir uma forte admiração pelos seus professores e por isso ele deve dar exemplo desse ato, além do mais a leitura essencial nessa profissão.

A criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura. (BRASIL, 1998, p.141)

Ler para uma criança em fase de alfabetização e letramento é um benefício que ela vai carregar por toda sua vida e pelos motivos mais elementares: imaginar o real, colocar-se no lugar do outro, buscar soluções, tirar conclusões, criar e recriar constantemente, humanizar situações difíceis, e outras tantas funções positivas.

Quem convive com crianças sabe o quanto elas gostam de escutar a mesma história várias vezes, pelo prazer de reconhecê-la, de apreendê-la em seus detalhes, de cobrar a mesma sequência e de antecipar as emoções que teve da primeira vez. Isso evidencia que a criança que escuta muitas histórias pode construir um saber sobre a linguagem escrita. (BRASIL, 1998, p.143)

O lúdico é inerente a uma criança e a linguagem é natural dela, por isso é preciso dar relevância à leitura nessa fase da escolaridade, pois está em formação e esse tipo de informação é que lhe dará respaldo futuro.

Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a

imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. (BRASIL, 1998, p.144)

Ao se trabalhar a ludicidade para fins didáticos, vai intensificar o desenvolvimento cognitivo dessa criança. Os recursos lúdicos dentro da leitura são inúmeros: letra de música, versos, teatro, cinema, interpretar personagens, dar outro formato ao enredo, criar novo término para a história, desenhar situações que chamaram a atenção (LAJOLO, 1983).

É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível a leitura só se torna livre quando se respeita ao mesmo em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. (LAJOLO, 1993, p.108)

Esse encaminhamento pedagógico conta com uma finalidade bem própria para essa idade que é a afetividade. Mesmo na memória de cada pessoa, se ela recebeu esse tipo de cuidado, ou seja, se alguém lhe contou histórias na infância, essa vai ter muito carinho por ela. Estabelece-se um vínculo forte também intelectual e emocional.

Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a experiência individual, cumpre deixar tão somente que este processo se viabilize na sua plenitude, estimulando uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor. (...) Se é a literatura de ficção, na sua globalidade, que deflagra a experiência mais ampla da leitura, sua presença no âmbito do ensino provoca transformações radicais que, por isto mesmo, lhe são imprescindíveis. (ZILBERMAN, 1990, p.16)

O poder criativo de uma criança é imenso e ao entrar em contato com a fantasia, ela pode se projetar num mundo, às vezes, não distante do dela e traçar paralelos, fazer comparações, pôr-se no lugar da personagem, enfim tantos outros. Ao saber que existem situações irreais, ela pode se encorajar e fazer também sua elaboração.

Sabemos que o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de “experimentar uma vivência simbólica” por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou pelas imagens. A literatura (e, portanto a literatura para a juventude) é portadora de um sistema de referências que permite a cada leitor organizarem sua função psíquica com o vivido e a sensibilidade que lhe é própria. (FARIA, 2010, p.19)

Dialogando com seus interlocutores, terá possibilidades de interação com o grupo e o ato comunicativo se fará de forma bem natural. O faz de conta e fábulas são próprios da faixa etária que dará início à alfabetização e letramento, vai dando sentido às palavras e fazendo ligações.

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. (BRASIL, 1998, p.143)

É interessante também deixá-las escolher o gênero literário, pois já terá ouvido muitas histórias na Educação Infantil, caso a criança ainda não tenha tido acesso à literatura, a sala de aula é o lugar para tal.

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 1990, p.16)

O lúdico pode levar a criança a interagir no mundo real e vice-versa. Os dois mundos para ela são importantes e o ato de ouvir histórias vai estabelecer esse canal com maior facilidade.

Não existe método específico para ensinar leitura, mas a motivação que o professor utiliza é o que importa. O professor como facilitador, deve proporcionar aos seus alunos diferentes gêneros literários como: contos de fadas, fábulas, lendas, poemas, contos, entre outros. Cada um desses gêneros literários traz diferentes valores a serem considerados pelo professor. Estes vêm mudando conforme a realidade em que se vive. (ZILBERMAN, 1990, p.78)

Trabalhando com a “Contação de histórias” terá usado valores como: escola, família, relações interpessoais, anseios, conquistas e outros. Nessa perspectiva do conto de fadas, pode-se explorar a autoestima, é como a avaliação que o aluno fará das diferentes representações de si próprio (sua personalidade).

O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças, e melhor ainda as quatro coisas de uma só vez. Repetindo: educar, instruir e distrair, sendo que o mais importante é a terceira. O prazer deve envolver tudo ou mais. Se não houver arte que produz o prazer, a obra não será literária e, sim, didática. (GOES, 1991, p. 26)

Para ter uma autoestima, deve-se trabalhar seus medos como: transtorno de aprendizagem, comunicação verbal, atenção, identidade sexual,

etnia, religião e outros. “É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver”. (GOES, 1991, p. 41).

O princípio gerador da baixa autoestima costuma estar relacionado com a indecisão, ansiedade, inconsistência afetiva, a sujeição à dependência. Colocando como brincadeira, a criança começa a interagir com outras crianças, deixando liberar sua criatividade, raciocínio e lógica, tendo consciência de suas limitações e despertando para possíveis transformações enriquecedoras.

Na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, deve-se dar asas à imaginação da criança, deixando-a criar, usando o improviso, estimulando cenas mais criativas. É importante a recreação na vida delas. É nesse período que ela satisfaz a curiosidade, experimentando e explorando o contato com outras crianças.

A imaginação sem limites que remete o/a leitor/a ao mundo da fantasia, sem, no entanto, eliminar as ligações com a vida real, seus conflitos e dificuldades, seja pelo clima de suspense sustentado por um enredo constituído por uma sucessão de pequenos episódios que vão-se desvelando em torno de enigmas e aventuras — são alguns dos elementos que justificariam a aceitação desses autores e de suas obras até os dias de hoje (CUNHA, 2004, p. 26)

Dentro de cenas imaginárias, os contos de fadas são importantes recursos lúdicos para apresentação de temas diversos e com abordagens amenas da realidade da vida. Não se deve esquecer de que o aluno já traz de casa uma bagagem de vida que deverá ser respeitada e incorporada nas atividades educativas.

A história grava-se, indelevelmente, em nossas mentes e seus ensinamentos passam como patrimônio moral para a nossa vida. Ao nos depararmos com situações idênticas aos dos contos, somos levados a agir de acordo com a experiência que, inconscientemente, já vivemos na história. Por isso, em nossos dias, pais e professores bem orientados empregam a Contação de história como meio eficaz de corrigir faltas, ensinar bons costumes, inspirar atitudes nobres e justas e recorrem ao conto como o mais fácil, o mais racional e o mais eficaz processo de formação de possíveis leitores. E a experiência tem provado de sobejo, o acerto do caminho seguido. (TAHAN, 1961, p. 16)

Dessa maneira, jamais se deve desmerecer suas experiências, sejam elas favoráveis ou não à aprendizagem. O aluno terá chances de se identificar com as personagens, o professor pode se aproximar dele e fazer um trabalho pedagógico bem construtivo através da “Contação de histórias”. Há de se

respeitar o conhecimento de mundo da criança, é sua bagagem cultural que trouxe para a escola. Dessa forma,

O ponto de partida é sempre um professor leitor, com um conhecimento amplo do acervo da literatura infantil disponível, que, através do seu testemunho de amor pelo livro, possa ajudar seu aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura. O segundo passo, que é decorrência da importância que ele dá para a leitura na sua vida, é dedicar um espaço nobre para a vivência da literatura em suas salas. Depois, cuidar para não destruir o prazer que essa leitura possa trazer aos alunos, propondo atividades chatas, repetitivas ou que não tem nada a ver com a literatura feita ou com a natureza da literatura. Por isso, necessita de uma metodologia para trabalhar a literatura com seus alunos. Afinal, uma tarefa tão importante e decisiva quanto essa não pode mais ser feita na base da improvisação. (MEIRELES, 1984, p. 15)

Uma criança provavelmente vai ter um crescimento sadio, se brincar. O ideal seria se todas crianças tivessem a oportunidade de poder explorar a ludicidade sem que um adulto a reprovasse ou a impedisse de tal ato, pois segundo estudiosos na área, essa criança terá melhor desenvolvimento cognitivo, pois terá chances de explorar simbolicamente seus sentimentos e tentar experimentá-los através de ensaios imaginários. Tal procedimento poderá favorecer essa criança futuramente a ser um adulto mais resolvido e independente.

CAPÍTULO III

AS PREFERÊNCIAS LITERÁRIAS INFANTIS

Neste capítulo iremos falar sobre a contação de histórias sem o caráter impositivo. A escolha de um livro para se contar para uma criança, é um fato importantíssimo, pois sendo apreciar ou não, poderá depender das escolhas feitas pelos adultos. Ao se pensar em predileções, há de se levar em consideração a idade do aluno, sendo que o mercado editorial tem uma enorme quantidade de títulos disponíveis para serem escolhidos e é preciso ter discernimento para saber separá-los.

Para Piaget (1978, p. 224), "[...] para que uma transmissão seja possível entre o adulto e a criança ou entre o meio social e a criança educada, é necessário haver assimilação pela criança do que lhe procuram inculcar do exterior".

A faixa etária vai contribuir para a compreensão de determinados assuntos e se a criança está à altura para se projetar na leitura. "Ao aproximar-se ainda mais do real, o símbolo acaba perdendo o seu caráter de deformação lúdica para se avizinhar de uma simples representação imitativa da realidade" (PIAGET, 1978, p. 175). Para Piaget, o estágio de desenvolvimento da criança é que vai determinar sua relação com a história, com o livro, com a interpretação, com a abstração.

Inicialmente, as idades características que se obtém, mesmo utilizando um grande número de crianças, são apenas médias; sua sucessão, embora globalmente real, não exclui nem os cavalgamentos, nem mesmo as regressões individuais momentâneas. (PIAGET, 1978, p.173)

Diante disso, como o período em questão é o Ensino Fundamental 1, entende-se que o aluno esteja no período operatório-concreto, saindo do pré-operatório com seis anos de idade e avançando aos sete anos até aos dez anos.

Os desejos, as motivações e todas as características conscientes são atribuídas às coisas (animismo). A criança pensa por exemplo que o cão late porque está com saudades da mãe. Por outro lado, para as crianças até os sete ou cinco anos de idade, os processos psicológicos internos têm realidade física: ela acha que os pensamentos estão na boca ou os sonhos estão no quarto. Dessa

confusão entre o real e o irreal surge a explicação artificialista, segundo a qual, se as coisas existem é porque alguém as fez. (PIAGET, 1978, p. 356)

No mesmo estágio, o autor diz:

Enquanto a inteligência sensório-motora procede por ações sucessivas e graduais, o pensamento chega, mercê principalmente da linguagem, as representações simultâneas de conjunto. [...]Progressos do pensamento representativo em relação aos esquemas sensórios motores são, na realidade, devidos a função semiótica em conjunto: é ela que destaca o pensamento da ação e cria, portanto, de algum modo, a representação. Cumpre, reconhecer que, nesse processo formativo, a linguagem desempenha papel particularmente importante, pois[...]a linguagem já está toda elaborada socialmente. (PIAGET, 1978, p.364)

Nesse estágio, segundo os apontamentos de Piaget (1978), a criança passa a trabalhar com vários conceitos, porém há de se levar em conta o meio em que ela veio, seu conhecimento prévio, sua bagagem acumulada.

A criança de um certo estágio fornecerá um trabalho diferente e dará respostas variáveis a questões análogas, de acordo com o seu meio familiar ou escolar, segundo a pessoa que o interroga etc. Não serão jamais obtidas assim, nas experiências, senão espécies de fenótipos mentais e será sempre abusivo considerar esta ou aquela reação como uma característica absoluta, como o conteúdo permanente de um estágio considerado. (PIAGET, 1978, p. 175)

Sendo assim, o professor sabendo sobre as características cognitivas dos alunos, pode preparar melhor suas aulas, com maior segurança. “Conforme o estágio de desenvolvimento do indivíduo, as trocas que ele mantém com o meio social são de diversa e modificam, por sua vez, a estrutura mental individual de modo diferente (PIAGET, 1978, p.155). Dentro dessa perspectiva, há uma estimativa aproximada apenas, variando de pessoa para pessoa essas propriedades.

Sem que seja possível atualmente fixar com certeza o limite entre o que provém da maturação estrutural do espírito e o que emana da experiência da criança ou das influências de seu meio físico e social, pode-se, parece, admitir que dois fatores intervêm continuamente e que o desenvolvimento deve-se à sua interação contínua. Do ponto de vista da escola, isto significa, de um lado, que é preciso reconhecer a existência de uma evolução mental; que qualquer alimento intelectual não é bom indiferentemente a todas as idades; que se deve considerar os interesses e as necessidades de cada período.

O autor ainda afirma sobre estágios que

Isso significa também, por outro lado, que o meio pode desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento do espírito; que a sucessão de estágios não é determinada uma vez por todas no que se refere às

idades e aos conteúdos do pensamento; que métodos não podem, portanto, aumentar o rendimento dos alunos e mesmo acelerar seu crescimento espiritual sem prejudicar sua solidez. (PIAGET, 1970, p. 175)

As crianças por volta dos seis anos ainda são um pouco egoístas e adoram centralizar nelas as atividades (isso quando não há timidez), começam a construir seus próprios sonhos e seu imaginário, a linguagem oral torna-se mais desenvolvida, relaciona-se bem com ritmos e sons, gosta de livros com muitas gravuras coloridas, rimas infantis, improvisação de cenas simples, individualização de gestos imitativos.

No ponto de partida da evolução mental, não existe, certamente, nenhuma diferenciação entre o eu e o mundo exterior, isto é, as impressões vividas e percebidas não são relacionadas nem à consciência pessoal sentida como “eu”, nem a objetos concebidos como exteriores. (PIAGET, 1978, p. 20)

Na sequência de sete anos até oito anos, a criança a mentalidade é mágica, onde tudo é possível, o mundo é fantástico e possível de adaptar-se ao mundo real. Já está sendo alfabetizado e letrado, leitura silábica e de palavras, adora ilustrações, faz correlações do texto escrito com as imagens. Já se interessa por conto de fadas, histórias que envolvem animais, aventuras que envolvem a família de um modo geral.

Torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os mesmo para coordená-los. [...] As discussões tornam-se possíveis, porque comportam compreensão a respeito dos pontos de vista do adversário e procura de justificações ou provas para a afirmação própria. As explicações mútuas entre crianças se desenvolvem no plano do pensamento e não somente no da ação material. (PIAGET, 1978, p. 43)

Desse modo, as crianças entre nove e dez anos já conseguem seguir bem uma rotina, ordem, classificam, compreendem bem um texto. Apreciam textos curtos e a leitura acessível, já não são tão dependentes da ilustração. Ainda gostam muito do mundo irreal, dos contos de fada, de folclore, histórias engraçadas, histórias em quadrinhos, algumas já começam a se despertar para aventuras sensacionalistas, como: fantasmas.

As operações em jogo nesse gênero de problemas podem chamar-se “concretas” no sentido de que se baseiam diretamente nos objetos e não ainda nas hipóteses enunciadas verbalmente, como será o caso das operações proposicionais. [...] As operações concretas estabelecem, portanto, muito bem a transição entre ação e as

estruturas lógicas mais gerais, que implicam uma combinatória e uma estrutura de “grupo” a coordenarem as duas formas possíveis de reversibilidade. (PIAGET, 1978, p. 91)

Ao ouvir tais histórias, os alunos melhoram o vocabulário, ampliam sua visão, buscam explicações a todo momento sobre suas inquietações, empenham-se em achar soluções para as situações propostas nas histórias ouvidas. São inúmeros os benefícios que ouvir histórias pode trazer para a vida escolar de uma criança e esse prazer pode se estender até a vida adulta, tudo dependerá de como vai ser conduzido na infância, nessa fase dos anos iniciais do Ensino Fundamental 1, o papel do professor é relevante.

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1995, p. 14)

Assim, a formação de leitores cresce e se fortalece com ações pedagógicas bem elaboradas por professores comprometidos com o desenvolvimento intelectual e afetivo dos alunos através de recursos lúdicos.

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando medida pelo elemento de procedência fantástica. (ZILBERMANN, 1990, p. 107)

Despertar a curiosidade da leitura é um bem que se faz a uma criança que poderá compreender o código linguístico, experienciar leituras variadas e ainda formar outros leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma história bem contada pode transportar a criança para um processo imaginário em que ela constrói cenas inspiradas com o enredo que acabou de ouvir. Esse exercício valoriza muito a imaginação, a criança se coloca no lugar das personagens e vive aquele momento, por isso a contação de história é valiosa atividade lúdica para alunos do Ensino Fundamental 1, como também amplia o vocabulário e na socialização escolar.

O professor ao selecionar as histórias a serem contadas lidas ou não, devem levar a idade da criança em consideração, pois o teor deverá estar de acordo com a faixa etária, a fim de que o enredo chame a atenção dos alunos. Para o aluno entender o contexto da narrativa, é preciso que ele utilize seu conhecimento prévio, aplique-o para que o texto tenha expressão para ele, caso contrário terá sido em vão a opção literária.

Quando o aluno gosta da história narrada, ele se manifesta de diversas maneiras, fazendo breves encenações de partes que mais apreciou da narrativa, tenta imitar as personagens da forma como ela as imagina, reproduz a fala da personagem, simula o cenário, traça planos diferentes, dá palpites, enfim se atreve até dar outro final à história.

O professor deve ficar atento, interagir junto com a animação dos alunos e também opinar sobre os elementos da narrativa, assim também é um modo de estimulá-los para a próxima história a ser contada.

Sendo assim, o professor deve sempre descobrir maneiras de atrair seu público infantil para perto das histórias a serem contadas e ele deve sempre procurar melhorar a forma de narrá-las, pois também contribui para que as crianças se interessem pelo texto, dando ênfase à entonação, gestos, paradas, aproximação, ilustrações, expressão facial para chamar atenção das crianças no momento da contação de histórias.

É importante que elas se articulem, reflitam, demonstrem com palavras seus sentimentos, expressem seus desejos, exponham suas percepções. É bom sempre o professor fazer perguntas pertinentes ao texto e envolver-se junto com os alunos nas questões cruciais que surgirem. O ambiente lúdico é o

ideal para a criança ouvir uma história, porque vai desafiá-la a fantasiar e apaixonar-se pela leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação infantil. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil Vol. 3**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- CUNHA, Susana Rangel V. da. (Org.) **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2001.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 39. ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOES, Lúcia Pimentel. **Olhar de descoberta**. São Paulo: Mercurejo,
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/>> Acesso em 18 ago. 2021.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1983.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2000.
- POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. São Paulo, FTD, 1990.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961
- ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil e Ensino**. São Paulo: Cortez, 1990.